



HAL
open science

Evocando a história da FIFPO e a memória do Prof. Dr. Fernando Ruivo

Michel Cahen

► To cite this version:

Michel Cahen. Evocando a história da FIFPO e a memória do Prof. Dr. Fernando Ruivo. Vinte anos do Curso integrado Coimbra-Bordéus, Faculdade de economia da UNiversidade de Coimbra, Oct 2023, Coimbra, Portugal. halshs-04929617

HAL Id: halshs-04929617

<https://shs.hal.science/halshs-04929617v1>

Submitted on 4 Feb 2025

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Evocando a história da FIFPO e a memória do Prof. Dr. Fernando Ruivo

Palestra nos Vinte Anos da “Filière intégrée franco-portugaise”,
Coimbra, 30 de Outubro de 2023

Michel Cahen

*Saudações, em particular para Ana Veneza e Pedro Ruivo,
respetivamente viuva e filho de Fernando Ruivo, fundador português
da FIFPO.*

Quando a FIFPO entrou no seu primeiro ano de funcionamento, eu tinha cinquenta anos. Já fazem vinte anos, e ainda me sinto jovem. Jovem, porque 20 anos bem é uma idade jovem para qualquer fenómeno ou instituição. A FIFPO, foram sobretudo gente, gente estudantil obviamente, a volta de 300, e colegas do lado portugueses e francês (menos do lado francês uma vez que o Patrick* foi democraticamente eleito presidente vitalício da FIFPOF !

De onde que veio a ideia da FIFPO na Sciences Po Bordeaux, na viragem do século. Veio da confluência de duas coisas : em primeiro lugar, já existiam fileiras internacionais com a Alemanha, a Espanha, a Itália, a Grã-Bretanha ; pois, porquê não Portugal ? Mas havia também muitos outros país possíveis e, alias, depois da FIFPO nasceram fileiras com as Caraíbas (Martinica e Jamaica), com os Moroccos, com Moscovo (foi agora transferida para o Cazaquistão), Hong-Kong, etc.

Mas, e é o segundo ponto, Sciences Po Bordeaux, através do seu então CEAN (hoje LAM) já reforçara cientificamente ligações com os PALOPs (sobretudo Moçambique) e com colegas portugueses trabalhando sobre os PALOPs. O interesse global para os países ditos lusófonos, incluindo Brasil, exprimiu-se pelo apoio incondicional do CEAN e do LAM para a revista trilingue Lusotopie, que começara a

* Patrick Zimmermann, professor de português e francês língua estrangeira, foi responsável pela FIFPO, do lado francês, de setembro 2004 até junho de 2024.

sair em 1994. Mas tudo isso era mais virado para a investigação, apesar de já começarem a chegar em Bordéus alguns mestrandos moçambicanos e depois caboverdeanos. A ideia lógica, pois, foi completar a lado investigação pelo lado docência. Deste ponto de visto, a história da FIFPO é diferente das das outras fileiras, que começaram logo por existirem relações de docência, muitas vezes pela iniciativa de professores de línguas. A FIFPO nasceu por existir ligações de investigações.

A direção de Sciences Po Bordeaux, assegurada do apoio do CEAN (LAM)* apoiou sem problema, apesar de, na altura, a imagem de Portugal na França ainda ser do emigrante Pedro que é pedreiro e da sua mulher Maria que é empregada doméstica. Justamente, tratava-se também de mudar esta imagem, de fazes aceitar Portugal por que era, isto é uma nação moderna de Europa e fazer conhecer a língua portuguesa como a terceira língua europeia mais falada no mundo. Para vocês, aqui, isso tudo é óbvio, mas não era tão óbvio na altura do lado francês. Voltarei a isso depois. Queria falar agora das pessoas.

No início do início, a ideia era fazer uma fileira com a universidade do Porto, uma vez que a cidade de Bordéus está gemeada com a do Porto. Mas, não me lembro exatamente porquê, não funcionou, devo dizer eu que não consegui encontrar colegas suficientemente interessados. Mas sobretudo, eu tinha uma ligação afetiva com Coimbra: depois de ter viajado a Moçambique em 1975 e ter decidido entrar nos estudos coloniais portugueses, decidi aprender a língua portuguesa e foi em Coimbra que cheguei, para um primeiro curso de verão em 1977. As árvores da Praça da República ainda eram pequeninas, havia os terraços dos cafés Moçambique e Tropical, que eram os cafés de esquerda, havia também um café de direita mas esqueci o nome uma vez que nunca ia. Vivi numa pensão mesmo Praça da República, que desapareceu, que estava cheia de retornados. Muito boas lembranças. Pois, porquê não Coimbra? Uma universidade muito prestigiosa, um custo da vida mais barato que em Lisboa ou no Porto.

E logo encontrámos um professor interessado, o Dr. Fernando

* O « Centre d'étude d'Afrique noire » criado em 1958, transformou-se no centro de investigação multidisciplinar « Les Afriques dans le monde » em 2011

Ruivo. Ele teve, se me lembrar bem, que travar uma batalha interna junto da administração para convencê-la, porque era complicado do ponto de vista administrativo. E ele conseguiu: a Faculdade de economia de Coimbra enviou uma primeira delegação para Bordéus, constituída do próprio Fernando Ruivo, e do malogrado Joaquim Feio, na altura encarregado das relações internacionais da FEUC. Lembrome muito bem disso porque, quando fui buscar os colegas no aeroporto de Mérignac (perto de Bordéus), havia um alerta de bagagem abandonada, e ficamos, de um e outro lado dos polícias, durante mais de uma hora, esperando que o pequeno robot fizesse implodir a irreverente bagagem. Soube há muito pouco tempo do desaparecimento do Joaquim Feio, de que me lembro com um colega muito simpático. Mesmo se o Joaquim, depois, não entrou na animação da Fileira, o seu papel, no início, foi muito importante na negociação geral e na montagem dos cursos. Ele era economista e, lembro, a FIFPO de princípio devia também acolher estudantes de economia. Mas o primeiro animador do lado português obviamente foi o Fernando Ruivo*.

Conheci Fernando por causa da FIFPO, mas descobri aos poucos o trabalho científico dele, a começar pelo seu livro *O Estado labiríntico. O poder relacional entre os poderes locais e poder central em Portugal*, publicado no Porto, Afrontamento, 2000. Este livro fora galardoado em 2001 pelo prémio “Circulo Teixeira Gomes”. O terreno do livro era Portugal pós 1974, mas a reflexão, baseada num grande inquérito junto de presidentes de câmaras e outros eleitos autárquicos podia ser útil de maneira muito mais alargada. A tese do livro era que a relação entre o poder central e o poder local podia beneficiar a este último somente se estava combinado a uma “poder relacional”, com certeza informal mas muito real, entre dirigentes locais e os seus “amigos centrais”, sejam eles por causa da pertença ao mesmo partido ou ligações meramente pessoais. Neste “poder relacional”, o único momento de democracia era a consulta eleitoral. Na realidade, o livro questionava a própria existência do Estado social. Não era a profusão do “poder relacional” a marca da fraqueza do Estado social? Quando responsáveis locais, diariamente, devem mendigar *favores* do Centro

* 1951-2021.

(ou do Príncipe?) para obter o que na realidade são *direitos* dentro da República, que é que fica do Estado social, pelo menos do Estado weberiano?

Depois de publicado este livro, Fernando criou o Observatório dos Poderes locais dentro de Centro de estudos sociais. Talvez este Observatório não se desenvolveu tal como merecia, porque o Fernando ficou um pouco à margem do CES, por não concordar com tudo. No entanto, bem foi na revista do CES, na *Revista Crítica de Ciências Sociais* que Fernando Ruivo e Daniel Francisco, este presente nesta sala, publicaram em 2007 o dossier “Poderes locais em perspectiva comparada”. Este dossiê, voluntariamente, não estudava Portugal (salvo na introdução dos dois editores), mas vários países europeus e Moçambique.

Depois o Fernando deixou a animação da FIFPO visto, na FEUC, não haver presidente vitalício e hoje em dia, temos a professora Daniela Nascimento, pela segunda vez (atenção Daniela, um mandato, dois mandatos, há muitos presidentes africanas que modificam a constituição para poder fazer um terceiro e quarto mandatos...)

Queria acabar com três reparos. Penso que, na vida da FIFPO tivemos duas vitórias e talvez uma derrota. Vou começar pela derrota!

Como já disse, no início a FIFPO foi pensada com tendo três raízes do lado português, isto é a sociologia, as relações internacionais, e a economia. O ramo da economia nunca se concretizou e sempre achei pena. Claro que os estudantes de economia de Coimbra não iam estudar somente economia na Sciences Po Bordeaux. Mais iam fazê-lo também, bem como outras ciências sociais. Penso que era possível, e deixo aqui o recado: penso que ainda é possível!

Agora, vou acabar com as vitórias.

Em primeiro lugar, já conseguimos viver vinte anos, o que é uma vitória considerável, com centenas de estudantes a ter adquirido dupla cultura académica e nacional, e que encontram bastante facilmente posições no mercado do trabalho. Até alguns continuaram em tese de doutoramento – até neste ano letivo (2023-2024), uma das professoras

convidadas na Sciences Po Bordeaux é uma antiga estudante da FIFPO¹. A FIFPO sobreviveu também aos confinamentos da COVID.

Em segundo lugar, do lado francês, conseguimos “des-etnicizar” a FIFPO. Com efeito, no início, a proporção de lusodescendentes era muito forte entre os estudantes franceses da FIFPO. Hoje, ainda estão presentes esses lusodescendentes mas a proporção é menor. Quer dizer, há sempre “qualquer coisa” para motivar um estudante a inscrever-se na FIFPO e não numa fileira de língua inglesa por exemplo. Mas pode ser que os pais franceses trabalharam no Brasil quando o futuro estudante era pequeno; ou que fez uma estadia também no Brasil enquanto estudante secundário mercê do Pen Club; ou que os pais foram cooperantes em Moçambique; ou qualquer outro desejo de aventura intelectual, com um conhecimento suficiente da língua portuguesa. Sempre haveremos os filhos e filhas, netos e netas do Pedro pedreiro e da Maria doméstica – alias, mais e mais, já não são pedreiros ou domésticas – mas a vitória foi que a língua portuguesa apareceu não mais como a língua do imigrante, a língua do “pequeno retângulo metropolitano”, imagem salazarista que perdurou demais, mas como, de uma lado, a língua de uma nação moderna da Europa e de outro lado, como a terceira língua europeia mais falada no mundo. Bem em frente do francês!

¹ Trata-se de Maria Clara de Oliveira.